

A CRISE DESAFIO PARA UMA MUDANÇA

“Uma comunidade cristã autêntica vive em constante relação com os demais homens, cujas necessidades partilha totalmente e juntamente com os quais sente os problemas. Pela profunda experiência fraternal que nela se desenvolve, a comunidade cristã não pode deixar de tender a ter uma ideia própria e um método próprio para fazer face aos problemas comuns, tanto práticos como teóricos, e que possam ser oferecidos como uma sua colaboração específica para todo o resto da sociedade em que se insere” (Dom Giussani).

É na perspectiva traçada por Dom Giussani que se insere esta contribuição de Comunhão e Libertação, que apresentamos a todos para um diálogo que favoreça uma retomada do nosso país.

A crise é um dado

Quer se queira quer não, a crise existe. E tem alterado as condições de vida de milhões de pessoas, em muitos países e seguramente na Itália: aumentam os pobres, cada vez mais empresas fecham, corremos o risco de ficar excluídos do desenvolvimento mundial, desclassificados como países de classe B.

A crise vem provocando reações diversas, muitas vezes determinadas pelo predomínio de duas tendências opostas:

- tolerá-la, julgando que pode ser exorcizada e ultrapassada atribuindo as culpas a alguém (que sem dúvida existe e tem mais responsabilidades do que outros). Mas procedendo desta forma não se produz qualquer mudança a não ser aumentar as queixas que podem resultar em desespero.
- ignorá-la, depois de tê-la provocado, continuando a comportar-nos como se nada fosse e sobretudo sem nos pormos minimamente em questão.

A realidade é positiva porque põe a pessoa em movimento

É irracional pensar que para derrotar a crise basta estar contra alguém, mas negar a sua existência é pior ainda. É o contrário dessa tradição judaico-cristã na qual a realidade é entendida como sendo positiva em última instância, mesmo quando apresenta um caráter negativo e contraditório.

A realidade, com efeito, põe-nos constantemente em movimento, provocando-nos a tomar posição perante o que acontece.

Foi esta consciência que construiu a história milenar do Ocidente. E, a despeito de qualquer dualismo ou maniqueísmo — para os quais o mal está sempre de um lado e o bem sempre do outro —, permitiu construir o futuro aceitando precisamente os desafios da realidade, respondendo-lhes com inteligência, criatividade e capacidade de sacrifício.

Como disse Bento XVI, “um progresso por adição só é possível no campo material. Mas, no âmbito da consciência ética e da decisão moral, não há tal possibilidade de adição simplesmente porque a liberdade do homem é sempre nova e deve sempre de novo tomar as suas decisões. Nunca são meramente tomadas para nós por outros — neste caso, de fato,

deixaríamos de ser livres. A liberdade pressupõe que, nas decisões fundamentais, cada homem, cada geração, seja um novo início” (*Spe salvi*, 24).

É por essa razão que, de novo o Papa, embora reconhecendo o mal-estar e a desorientação que levam cada um a mover-se de maneira solitária e a fazer escolhas de vida cada vez mais frágeis, não pôde evitar lançar um apelo: “Queridos jovens, não tenhais medo de enfrentar estes desafios! Nunca percais a esperança” (Ancona, 11 de setembro de 2011).

É um convite a encarar a crise como uma oportunidade: com efeito, ela obriga a que nos demos conta do valor de coisas em que não se pensa enquanto não faltarem: por exemplo a família, a educação, o trabalho.

De resto, a Itália também já atravessou muitas crises nos últimos 150 anos, sem reagir com uma defesa apriorística do passado nem com intransigências preconcebidas, antes pondo em jogo uma capacidade de mudança que lançou as premissas para um contínuo recomeço — tão novo quanto imprevisível — da convivência social.

Então, a pergunta que nos temos de colocar diz respeito ao conteúdo da mudança, que é fruto de uma liberdade em ação.

Em primeiro lugar, é preciso ser leal e admitir que as ideologias já não compensam, que o estatismo nos faz atolar em dívidas e que as finanças não salvam o homem e apenas fazem aumentar a multidão dos *indignados*, sinal de uma exigência tão positiva (de que os desejos e as necessidades concretas das pessoas não sejam continuamente excluídas do debate público) quanto fragmentária.

Em segundo lugar, é preciso reconhecer que, na situação atual, se podem encontrar indícios de uma mudança positiva.

Alguns exemplos

Há pessoas que não se deixam arrastar pelo rumo das coisas e remam contra a maré, mesmo à custa de sacrifícios, e por causa disso são reconhecíveis. Justamente no meio de uma das crises mais graves da nossa história, existem feitos virtuosos, sinal de pessoas que se puseram em ação sem estar à espera que outros — sempre outros — resolvessem os problemas. Não podendo mudar tudo de repente, começaram por mudar a si mesmos. Há gente que enfrenta a realidade sem constrangimentos e tenta fazer um esforço sem renegar ou esquecer nada.

- Muitas famílias, que se poderiam desagregar sob o embate das dificuldades econômicas, descobrem o valor de fazer sacrifícios, provavelmente para garantir a todo o custo a educação dos filhos, a ponto de aceitarem um regime de vida mais sóbrio; além disso, não desistem de tecer redes de solidariedade e, se possível, de poupanças.
- No campo da formação profissional, marcado pela persistência do clientelismo, nascem realidades que voltam a ensinar aos jovens uma profissão, pondo novamente em contato o mundo empresarial com o mundo escolar.
- Encontram-se cada vez mais frequentemente professores que, num mundo acadêmico estatizado e burocratizado, imaginam novos métodos de ensino, individualmente ou

envolvendo os colegas, pagando inclusivamente do seu próprio bolso as atualizações profissionais que ninguém lhes assegura oficialmente.

- A despeito das enormes dificuldades para angariar fundos, continuam a nascer obras de solidariedade e de cooperação; e algumas das mais “históricas” renovam-se ao invés de morrerem. E ampliam a experiência da partilha gratuita da necessidade de milhões de pessoas, nesse mar de caridade que tem caracterizado a história da Itália.
- Há empresas que, por entre os milhares de obstáculos que as poderiam induzir a fechar as portas, aceitaram o desafio da mudança e vão criando emprego e aumentando o faturamento apesar de, por si sós, não chegarem a sustentar o crescimento da Itália.
- Sobretudo num panorama juvenil muitas vezes desencorajador, há muitos jovens que não se contentam com um futuro medíocre: por exemplo, as universidades são consideradas um setor secundário da vida social e, no entanto, muitos estudantes — em contraste com o passado recente — já não se contentam com o diploma no final dos estudos, mas rapidamente aprendem uma língua estrangeira, estão dispostos a passar temporadas no estrangeiro, a fazer estágios, a estudar de modo adequado; e encontram empregos atrativos em empresas ou ateneus estrangeiros.

Os fatores de uma mudança possível

O que é que todos estes esforços positivos têm em comum?

A convicção de que a realidade, mesmo quando parece negativa e difícil — como vemos atualmente —, põe novamente em jogo a vontade de conhecer, de construir, de se comprometer, ainda que tenha sido ofuscada e mortificada por anos de homologação do poder.

Então, o caminho para atravessar — e não padecer resignadamente — a crise é viver a realidade como provocação que reacende o desejo e a exigência que, no que respeita à Itália, significa também talento, conhecimento, criatividade, força de agregação.

Estas tentativas mostram a resposta à única exigência que ninguém parece encarar: onde pode renascer o crescimento, de onde se pode recriar a riqueza da Itália?

Daquele imprevisível instante em que um homem cria novidade, produtos, serviços, valor acrescentado, beleza para si e para os outros, sem que nenhum antecedente histórico, social e político possa em última análise explicar o incremento de valor e de riqueza que se gera.

Sobretudo nos momentos de crise, este desejo em ação é o fator mais potente que permite renascer a certeza, como disse o presidente Napolitano no *Meeting de Rimini*: “Transmitam, no tempo da incerteza, o vosso anseio de certeza”, a fim de se reconhecer que quem aceita este desafio é “um recurso humano para o nosso país”.

No seio de um povo renasce a esperança

Mas, só estando inseridos num povo é que o desejo despertado e as tentativas que nascem da pessoa têm possibilidade de perdurar. E o povo é um conjunto de pessoas que se juntam não na transitoriedade de algum proveito pessoal, mas substancialmente. Não contra um inimigo, mas por um bem desejado e perseguido. Por isso, a destruição de um povo — com toda a sua riqueza expressiva e associativa — é a antecâmara da morte do desejo: na verdade, se os

jovens não estão perante uma experiência humana diferente, como poderão perceber que o mundo pode mudar? E como poderá nascer neles a esperança no futuro?

O dever da política

As opções políticas devem estar em função de quem se mobiliza nesta direção e não mais em benefício de quem age por partidarismo e promete mudar tudo para que nada mude.

É o exemplo que nos vem do discurso do Papa no Parlamento alemão, que apontou o que deve ser importante para um político: “Um coração dócil”, que saiba “fazer justiça ao povo” e “distinguir o bem do mal”. E com isso colocou nas mãos de todos o critério para avaliar a atuação de quem faz política.

Isto explica o motivo por que pessoas com ideologias diversas se podem encontrar até mesmo na política (como sucede no Intergrupo parlamentar para a subsidiariedade, que reúne deputados de todas as facções e que produziu leis como a do 5 por mil a favor de entidades sem fins lucrativos), reavivando aquela tradição segundo a qual as divergências, por drásticas que fossem, não impediram de colaborar na construção do bem comum, especialmente nos momentos mais dramáticos da nossa história.

Estes elementos podem orientar as opções políticas de forma oportuna, como instrumentos para uma mudança que inevitavelmente vem de baixo. A primeira política, com efeito, é apoiar quem constrói um bem para todos e procurar em conjunto respostas práticas para as dificuldades e esperanças de um povo.

Assim se pode relançar o desenvolvimento do país, apostando nos “eu” em ação — pessoas e comunidades —, e reconhecendo o papel decisivo da educação, da qual depende o futuro de um povo. E a educação não diz respeito unicamente aos jovens, mas sim a todos.

Eis alguns **instrumentos** que podem favorecer uma retomada:

- defender a vida em todos os seus momentos e em todos os seus aspetos;
- investir num sistema de ensino e formação profissional feito de escolas públicas, livres e paritárias, e de universidades competitivas entre si na didática e na investigação, valorizando o mérito de estudantes e professores a partir do recrutamento e nas progressões da carreira;
- fornecer as necessárias oportunidades aos jovens capazes e meritórios, a fim de que a Itália não se converta num país para velhos;
- ajudar seletivamente as empresas que investem, criam emprego e exportam, eliminando estrangulamentos, estratégias e práticas de clientelismo que não produzem qualquer desenvolvimento;
- estabelecer uma aliança — na direção de um estado social subsidiário — com as famílias, os detentores de poupanças, os promotores de ajuda aos mais fracos, de educação; e, ainda, colaborar com a miríade de entidades sociais que trabalham em prol do bem de todo o povo, segundo o princípio da subsidiariedade;
- defender um ambiente degradado e destruído por especulações de todo o tipo;
- favorecer um federalismo fiscal que renove a administração pública, fazendo pagar os custos e os desperdícios a quem os provoca e eliminando os redutos de clientelismo e desperdício.

É no nível destas preocupações que se coloca a contribuição dos católicos para a vida social, como afirma o cardeal Angelo Scola: “A vida do nosso povo documenta também a existência de feitos e obras boas que ditam esta soberania da liberdade humana sobre o mal quando se deixa transformar pela graça de Cristo. São sinais razoáveis de que a esperança, alimentada pela fé e pela caridade, praticada nas nossas comunidades, é realmente digna de crédito” (Milão, 16 de outubro de 2011). Isto mesmo sublinhou o cardeal Angelo Bagnasco: “Os cristãos são, desde sempre, uma presença viva na história, cientes de que a fé em Cristo é um bem também para a Cidade” (Todi, 17 de outubro de 2011).

OUTUBRO 2011

Comunhão e Libertação